



Ocupação de áreas públicas da cidade: subversão que traz vida¹

Public city areas of occupation: subversion bringing life

Prof. Me. Juliano Batista dos Santos²

Resumo

Pensar e repensar a relação entre homens e a cidade onde residem não é nova. A dicotomia moderna entre a espetacularização das cidades de um lado e a sua corporificação de outro, nos remete da segunda metade do século XIX aos dias atuais, cuja tensão ainda se encontra na ideia de diminuir para aquele e de aumentar para esse a participação popular nos espaços públicos das cidades. Pensando nisso, o presente texto traz uma reflexão sobre os contra-fluxos às tentativas de arquitetos e urbanistas de tornarem os locais públicos das cidades um lugar vazio de relações humanas, assim como apresenta o relato de uma experiência estética de intervenção urbana planejada e voluntária, mais precisamente a ocupação em uma das muitas obras inacabadas para a Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá.

Palavras-chave: Intervenção Urbana. Experiência Estética. Cidade.

¹ Uma primeira e mais curta versão deste trabalho foi apresentada em forma de Comunicação no II Colóquio de Antropologia da UFMT em 2015, mais precisamente no GT-1: Territórios, Conhecimentos e Experiências Etnográficas.

² Prof. Me. do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Cuiabá - Octayde Jorge da Silva. Email: julianojbs@gmail.com

Abstract

Think and rethink the relationship between men and the city where they live is not new. The modern dichotomy between the spectacle of cities on one side and its embodiment of another, brings us the second half of the XIX century to the present day, whose tension is still on the idea of reducing to one and increase to this popular participation in public spaces of cities. Thinking about it, this text presents a reflection on the against the flow to the attempts of architects and urban planners to make the public places of the cities an empty place of human relationships, as well as presents the story of an aesthetic experience of urban intervention planned and voluntary, more precisely the occupation in one of the many unfinished works for the World Cup 2014 in Cuiabá.

Keywords: Urban Intervention. Aesthetic Experience. City.

1 INTRODUÇÃO

A ocupação de áreas públicas das cidades na contemporaneidade opera como dispositivos de microresistências aos arquitetos-urbanistas que desde a segunda metade do século XIX buscam projetar espaços urbanos espetacularizados baseados no discurso de modernização das cidades e aos supostos benefícios conferidos aos seus moradores e visitantes (JACQUES, 2004).

A desocupação de áreas privadas que, em tese, devem passar por “revitalizações” são expropriadas à força pelo poder público. Digo à força porque no Direito os interesses públicos prevalecem sobre os privados. A desocupação tem como objetivo evitar que os não-lugares adquiram memória a partir da relação entre os corpos físicos e o corpo da cidade.

Da reapropriação e ressignificação dos espaços idealizados têm-se a produção qualificada de consumo que, para Certeau (1998, p. 38, grifo do autor), “[...] é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”.

O segredo, portanto, da corporificação das cidades contra os arquétipos de modernização dos urbanistas, está em sua ocupação subversiva: voluntária e involuntária. A involuntária será aqui deixada de lado, pois ela está associada aos moradores de rua que, ao contrário da voluntária, são ocupações permanentes que devem ser vistas como problema social a ser superado.

As ocupações voluntárias podem ser planejadas ou não planejadas. A última ocorre sem a coordenação de um grupo ou alguém e está mais ligada ao lazer e ao descanso. A primeira refere-se às intervenções urbanas mais ligadas a protestos e por isso são quase sempre organizadas e coletivas, a exemplo das intervenções urbanas organizadas pelo grupo *Coletivo à Deriva*³ fundado em Cuiabá pela professora Dra. Maria Tereza Oliveira Azevedo⁴.

O esclarecimento de uma e outra ocupação bem como um breve apanhado histórico dos movimentos urbanistas e seus respectivos contra-fluxos é apresentado na sequência (item 2), enquanto no item seguinte (item 3) eu descrevo minha primeira experiência estética de intervenção urbana em uma das obras inacabadas para a Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá-MT, mais precisamente no viaduto em frente a Universidade Federal de Mato Grosso

³ <http://coletivoaderivacuiaba.blogspot.com.br/>

⁴ <http://maritheazevedo.blogspot.com.br/>

(UFMT) por onde deveria passar o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que em julho de 2015 completou 1 ano de abandono, inoperância e descaso.

Independentemente do tipo de ocupação o objetivo é apenas um: engendrar “[...] devires singularizadores que nos aproximam da vida” (AZEVEDO, 2013, p. 139), sem se esquecer que a cidade só é cidade se nela habitar corpos, caso contrário será uma não-cidade; um local sem relação, identidade e história (AUGÉ, 2001), isto é, um espaço pensado para não permitir (ou diminuir ao máximo) o movimento do que Milton Santos (apud RIBEIRO 2012) define como homens lentos.

2 ERRÂNCIAS URBANAS: DA NÃO-CIDADE À CIDADE

Segundo Paola Berenstein Jacques (2004) a ideia de não-cidade é provocada ora por seu congelamento (concepção de cidade-museu com a preservação de construções arquitetônicas consideradas patrimônio histórico material da humanidade) ora por sua difusão (modelo de cidade genérica com suas longas e largas avenidas para não-estar). A primeira concepção é denominada no campo disciplinar do urbanismo como neoculturalismo (ou pós-modernismo tardio) e a segunda de neomodernismo (ou progressismo).

O neoculturalismo visa, em um primeiro momento, a petrificação das edificações mais antigas da cidade, que quase sempre estão localizadas em áreas centrais. Como apologia às suas pretensões utiliza o genérico discurso da necessidade de preservar, inclusive para as gerações futuras, a história, a cultura e a identidade do local aos seus moradores que, na prática, são excluídos das benesses reformistas.

A princípio a ideia de preservação da memória cultural parece muito boa. O problema é o que vem em seguida. Para começar não há nenhuma consulta popular sobre o “quê?” e “como?” fazer a restauração e revitalização dessas áreas que, nas mãos dos urbanistas, impregnados pelos arquétipos modernistas de pastiches do espaço urbano (a exemplo de Las Vegas), criam cidades-espetáculos (ou cidade-parque-temático): um tipo de disneylandização voltado apenas às agências de turismo e seus clientes (JACQUES, 2008).

O neomodernismo está ligado à ideia de reestruturação das cidades às necessidades contemporâneas cuja preocupação não se resume em oferecer aos transeuntes excelentes imagens de sua arquitetura a quem olha de dentro de seus veículos, ou de transportes coletivos, ou mesmo por “cima” como se a cidade fosse uma grande e linda maquete

projetada sob o modelo de gentrificação, isto é, expulsão de classes sociais desfavorecidas dos locais moldados à espetacularização.

O principal objetivo dos progressistas é projetar largas e extensas ruas e avenidas que possibilitem o trânsito rápido dos veículos, de preferência em harmonia com largas calças também projetadas para forçar os corpos, após saírem dos carros, ônibus, motos e metrô, a darem continuidade aos incessantes e ininterruptos deslocamentos próprios das sociedades disciplinares, que sem trégua constroem instituições para a atualização das formas de poderes (FOUCAULT, 1999).

Da residência à escola, da escola à empresa, da empresa à academia, da academia ao bar, e do bar de volta para casa. De fato, as sociedades binárias estão estruturadas de modo a forçar cada um dos indivíduos a movimentos cíclicos diários (*ad infinitum*) sem nenhuma aparente possibilidade de escape; um tipo de construção que nos impede de experienciar as áreas públicas dos municípios, em especial nas metrópoles e megalópoles.

Como o movimento é cíclico e ininterrupto, afinal amanhã tudo se repetirá como hoje, a consequência é a impossibilidade da existência de qualquer corpografia urbana já que o objetivo dos neomodernistas é forçar os habitantes de cada cidade a não parar, a não experimentar e a não vivenciar os espaços públicos. Intenções que, para Ribeiro (2012), provoca uma completa desencarnação, descorporificação da cidade, que de palco (lugar de vida antes dos projetos urbanistas modernos) torna-se cenário; algo apenas para se olhar, de longe e de fora, mas que quando ocupado por corpos, force-os a seguir em frente.

Sem dúvida, nos projetos e políticas urbanas recentes há um único objetivo: produzir uma imagem singular de cidade que, em seu discurso, tem a ideia de preservar os valores culturais de cada município, mas que paradoxalmente, fazem de cidades antes distintas, um lugar cada vez mais igual, cuja finalidade é a mercantilização espetacular das cidades que visa basicamente o turista estrangeiro, que “[...] ao contrário do habitante [local], não se apropria do espaço, ele simplesmente passa por ele” (JACQUES, 2005, p. 18).

Mesmo que ideologicamente distintos, tanto o neoculturalismo como o neomodernismo leva à espetacularização das cidades contemporâneas que é “[...] uma diminuição da participação popular, mas também da própria experiência física urbana enquanto prática cotidiana, estética ou artística” (JACQUES, 2005, p. 16) cujo contra-fluxo, independentemente da época, está na ocupação dos espaços públicos racionalizados tão-somente para passar, atravessar de um ponto a outro.

Essa ocupação na contemporaneidade só é possível porque:

[...] o advento e à popularização dos meios de tecnologia da comunicação [...] transformou em sociedade aberta [às binárias], de modo que as relações de poder, impostas por mecanismo de disciplina aos corpos dóceis, se revelou falida, na medida em que as manifestações individuais passaram a serem múltiplas, infinitas, bifurcadas em pensamentos e ações, locais em que o senso comum ganhou força e não pôde mais ser ignorado; e nem deve, pois ele se tornou uma maneira de abordar o real em sua complexidade fluida sem abandonar as linhas do incerto e da efervescência do social na vida coletiva [...] (SANTOS, 2012, p. 355).

As relações humanas na segunda metade do século XX deixaram de serem “gaiolas” (WEBER apud MAFFESOLI, 2008), pois a compreensão do conhecimento comum na pós-modernidade descreve o estado de espírito em que interpretar se tornou mais importante do que explicar os fatos, cuja consequência é a valorização de uma nova metodologia, não crítica, mas baseada na razão sensível, no pluralismo de ideias e na valorização do cotidiano como o local de união entre o viver e o pensar.

Ocupar e subverter locais públicos (CERTEAU, 1998) da cidade é a única maneira de transformar, por antropomorfização, os não-lugares em lugares (AUGÉ, 2001), mesmo que somente por um breve período já que a ocupação permanente só se faz possível se os seus habitantes forem moradores de rua, que mesmo fazendo parte do que Frangella (2009) define como movimento errante, eles não são aqui objeto de análise; não por questão de preconceito, mas por uma questão de categorização, a saber: em sua pesquisa o que está em jogo é a errância voluntária (ou as corpografias urbanas voluntárias) que consiste na

[...] própria experiência ou prática de cidade, [que] questionam criticamente os atuais projetos urbanos contemporâneos, ditos de revitalização urbana, que vem sendo realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia – genérica, homogeneizadora e espetacular – que pode ser chamada de *branding* urbano, ou seja, a produção em série da cidade-imagem de marca (JACQUES, 2008, p. 10, grifo do autor).

Contudo o movimento de microresistência aos projetos urbanistas não é novo. Assim como em outras épocas (de meados do século XIX a meados do XX), frente “[...] ao rolo compressor homogeneizador da cidade-espetáculo, atores sociais urbanos [no passado]” (JACQUES, 2006, p. 29), por meio de flanâncias, deambulações e derivas, e, no presente, por meio de errâncias, perturbam, arranham, contestam ou mesmo reverterem a produção racionalizada através da apropriação de espaços públicos para fins diferentes dos projetos idealizados para seu uso.

Como exemplo de contestação aos dias de hoje eu cito o que ocorre na rua 01 no Residencial Águas Claras em Cuiabá-MT, bairro onde possuo casa e resido com minha família. Em seu entorno não existe área de lazer para crianças, adolescentes, jovens e adultos (Cf. Figura 1). Para suprir tal necessidade, ao final da tarde, mediante as *artes de fazer* (CERTEAU, 1998), a rua é ocupada de modo subversivo por todos eles. As crianças acompanhadas (ou não) dos responsáveis se divertem com seus brinquedos (triciclos, bicicletas, bonecas, carrinhos, pipas e outros), os adolescentes, quase sempre com jogos coletivos de futebol e bet, adaptam suas atividades ao espaço disponível entre as casas, os transeuntes e os veículos estacionados, enquanto os demais caminham, correm ou pedalam pelas ruas do bairro (Cf. Figura 2).

Como a rua fica ao lado de uma Área de Preservação Permanente (APP), alguns moradores “limparam” as áreas em frente suas casas, deixando apenas grandes árvores. Esses espaços tornaram-se locais de descanso aos mais idosos que durante à tarde saem de suas residências carregando cadeiras e colocando-as sob as sombras proporcionadas pela APP. Por lá (lugar que denominam de fresquinho) ficam a conversar, comer e beber; alguns são mais ousados chegando a fazer pequenas confraternizações em família com almoço e/ou churrasco.

Outros moradores criaram pequenos parques com balanços e brinquedos velhos reformados ou improvisados com pneus e madeiras descartadas pela construção civil. Outros fizeram na reserva o seu jardim, horta ou estacionamento. Há também quem construiu no alto de árvores (cerca de 2,5m de altura) pequenos espaços para colocar comida aos pássaros e micos da APP.

Figura 1 – Espaço Urbano Descorporificado.



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Figura 2 – Espaço Urbano Corporificado.



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Da modernidade à contemporaneidade os movimentos de urbanização das cidades visaram transformar as antigas ruas de pedestres em grandes vias de circulação para veículos. Tal pretensão, de acordo com Jacques (2006, p. 21), passou por três momentos distintos: a modernização das cidades entre meados do século XIX e início do XX, as vanguardas modernas dos anos de 1910 a 1959 e o modernismo tardio da pós-segunda grande guerra até 1970, com seus respectivos contra-fluxos: flanâncias, deambulações e derivas.

Os três movimentos urbanistas de transformação das cidades acima mencionados, ao lado dos hodiernos movimentos neoculturalista e neomodernista, têm em comum a redução da possibilidade de experiência física direta, que aos poucos e a cada dia mais, diminuem (ou cessam) o que Oiticica (apud JACQUES, 2006) define como potencial poético do urbano, que é a própria vivência-experiência física da cidade pelo simples ato de nela andar, ou melhor, passear sem rotas definidas, sem pressa de chegar uma vez que o fundamental nas errâncias são as sensações, os estímulos causados pela cidade nos corpos, isto é, o deixar-se afetar (SIQUEIRA, 2005).

Infelizmente os arquétipos de modernização das áreas urbanas, quase sempre atrelados à falaciosa ideia universalista de melhorar a cidade a todos os seus habitantes, causa o distanciamento dos corpos na cidade, donde a importância dos contra-fluxos que, independente do período histórico, operam como chaves de reversão à espetacularização a partir da ideia em comum de ocupar os espaços públicos urbanos.

Apropriar-se destes espaços não pode ser confundido com invasão de áreas públicas não edificadas, a exemplo dos terrenos baldios das cidades ocupados por sujeitos sem teto ou que vivem de aluguel e buscam, mesmo que de modo imoral, quando não ilegal, forçar às autoridades públicas, respaldado no direito constitucional de 1988 à moradia, no direito civil brasileiro de 2002 ao usucapião e na Declaração Internacional dos Direitos Humanos de 1948 à dignidade e ao respeito, a cumprir as prescrições previstas em lei.

Ocupar, segundo Rey (2010), tem mais a ver com a participação popular que é a responsável pela (re)vitalização dos espaços públicos urbanos, não nos moldes de servir à economia, mas como vida decorrente da presença de um público e atividades diversificadas, que na prática, a exemplo do que ocorre na rua 01 do Residencial Águas Claras, não é (e nem pode ser) algo planejado, predeterminado ou formalizado como nas intervenções urbanas que buscam friccionar uma história mediante a ironia: poética da intervenção urbana como

experiência estética que procura colocar em evidência algo ou alguém (Cf. Item 3), embora para Amaral (2008, p. 1):

Praticar o lugar – real e imaginário, individual e coletivo, público e privado, material ou existencial – revela paisagens potenciais que instigam a experiência urbana e legitimam a intervenção e ocupação performativas como ação transformadora. Propõe-se atuar a partir de [...] práticas urbanísticas que adotam o caminhar como prática estética, entendendo a corporalidade urbana como instância que desfaz a ideia do corpo como categoria genérica e impõe a necessária apreensão das especificidades locais.

Portanto, a metamorfose das não-cidades em cidades, estimulada por meio das errâncias urbanas, opera como microresistência às pretensões da arquitetura idealizada, posto que as novas formas de ocupação dos espaços públicos, ao contrário dos movimentos sociais anteriores à década de 70, não têm como finalidade romper com o atual modo de produção, mas exigir do Estado políticas públicas que assegurem à sociedade civil o mínimo de moralidade (SANTOS, 1991).

3 VOZES LIVRES SOBRE TRALHAS: UMA INTERVENÇÃO DE PROTESTO

O Brasil foi o país escolhido pela [*Fédération Internationale de Football Association*](#) (FIFA) para sediar a Copa do Mundo de 2014. Entre as cidades cede para receber os turistas está a capital do estado-membro de Mato Grosso: Cuiabá, uma região com alto potencial turístico, em especial o Pantanal considerado o quarto melhor destino de viagem do mundo e o primeiro lugar para a apreciação da vida selvagem (PANTANAL, 2015).

Assim como nas demais cidades cedentes, Cuiabá recebeu altíssimos investimentos à concretização de projetos urbanos espetaculares: mais de R\$ 2 bilhões (LEITE, 2014). Para justificar os gastos, principalmente após os protestos apartidários de 2013 por todo o Brasil, a administração pública, respaldada pela grande mídia, utilizou dois discursos: um no campo da economia e outro na política.

O primeiro buscou convencer os brasileiros sobre a importância de receber bem os turistas (principalmente os gringos/estrangeiros) que durante a Copa deixariam no país milhares de reais, o que geraria, de modo direto e indireto aos setores de turismo e serviços, empregos e aumento renda. O segundo consistiu em mostrar que todos os investimentos na infraestrutura das capitais cedentes, além de gerarem muitos empregos, melhoraria a vida de seus moradores que, após o término das obras e da Copa, usufruiriam, permanentemente, dos

novos estádios e aeroportos, das áreas de treinamento e lazer e da eficiência na mobilidade urbana.

Segundo o site da [Secretaria Extraordinária Estadual da Copa do Mundo de 2014 \(SECOPA-MT\)](http://www.cuiaba2014.mt.gov.br/) os principais legados programados para Cuiabá são: a Arena Pantanal, o entorno da Arena (projetado para festas e eventos), as obras de mobilidade urbana (viadutos, pontes, trincheiras, trevos e avenidas), o VLT e os espaços para práticas de esporte e lazer (os chamados Campos Oficiais de Treinamento - COT)⁵.

Dessas obras, algumas foram entregues acabadas e outras inacabadas. Outras foram entregues e depois interditadas por deficiência em sua edificação como o viaduto próximo a Secretaria da Fazenda de Mato Grosso (SEFAZ-MT) na Avenida Historiador Rubens de Mendonça, que não é um caso isolado, embora seja sem dúvida o mais grave. Mas a maioria das obras foram simplesmente abandonadas, deixando na cidade e em seus cidadãos uma “ferida”, um sentimento de indignação e de revolta a todo o momento lembrada por “elefantes brancos”⁶ que em inércia (exceto nas ferrugens, tapumes que se soltam e pichações de protesto) renovam a “dor” daqueles que são tomados por um sentimento de impotência ao olharem com pesar a materialização da corrupção na incompetência dos administradores públicos e nas empresas contratadas à execução das obras⁷.

Foi pensando nesta insatisfação popular que nós discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT⁸, durante a disciplina Tópicos Especiais em Poéticas Contemporâneas II (TEPCII), ministrada no 1º semestre de 2015 pela professora e fundadora do grupo *Coletivo à Deriva*, Maria Tereza Oliveira Azevedo, discutimos formas/modelos de intervenção voluntária e planejada em alguma das obras inacabadas da Copa do Mundo de 2014, como protesto para recordação de um ano sem as benesses prometidas pelo poder público.

A intervenção urbana começou a ser pensada e planejada aproximadamente 90 dias antes de sua execução e o nome escolhido à ocupação ficou sendo *Vozes Livres sobre*

⁵ Conferir site <http://www.cuiaba2014.mt.gov.br/>

⁶ Obras públicas inacabadas, abandonadas ou que não servem para nada.

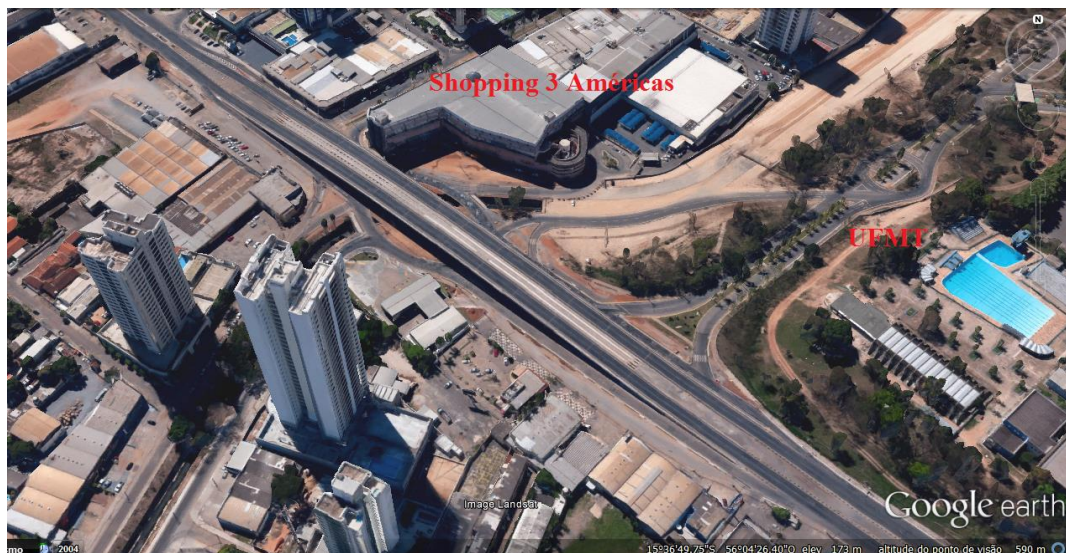
⁷ Mesmo tendo sido utilizada na Copa do Mundo de 2014 a Arena Pantanal ainda não foi entregue oficialmente. Entretanto o projeto inacabado/abandonado de maior polêmica é o VLT que por ser a obra mais cara e por já ter consumido quase todo o recurso financeiro destinado à sua construção, ainda está muito longe de ficar pronto. Fato que justifica porque o VLT se tornou o principal alvo de críticas da mídia e também a obra que causa maior indignação aos habitantes de Cuiabá.

⁸ Programa de pós-graduação *stricto sensu* com mestrado e doutorado.

*Tralhas*⁹. Após intensas reuniões e discussões ficou decidido que o melhor dia, horário e lugar para ocuparmos/protestarmos seria em uma terça-feira (14 de julho de 2015), no período vespertino (a partir das 16 horas) no viaduto que passa ao lado do Shopping 3 Américas e em frente à UFMT (obra inacabada mais próxima da universidade) (Cf. Figura 3).

Essa ocupação surgiu para mim como uma possibilidade de experimentar, pela primeira vez, os afetos (no sentido de ser afetado proposto Favret-Saada) (apud SIQUEIRA, 2005) provocados por uma estética de intervenção (Cf. Item 3.1); estética que para Nietzsche é a “expressão das vivências genuínas e pessoais [...] uma espécie de êxtase e redenção” (GIACOLA, 2000, p. 13), um *reflectere* que nos permite enxergar melhor quem somos.

Figura 3 – Imagem Superior do Viaduto da UFMT



Fonte: Google Earth, 2015.

3.1 Relato de Uma Experiência Estética

A primeira vez que escutei as palavras “intervenção urbana”, eu ainda estava no mestrado. Pelos corredores do Instituto de Linguagens da UFMT alguns colegas diziam: “*A intervenção irá se chamar República do Cochilo*”. Por alguma razão não dava nenhuma importância à questão. Não sei ao certo o porquê. Penso que na vida somos a todo instante

⁹ O nome Vozes Livres sobre Tralhas é uma referência ao Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). Outros nomes que surgiram durante as discussões à intervenção, mas que foram descartados são Vários Loucos sobre Trilhos, Vandalismo Leva Tempo, Veículo Lento sobre Troças e Veículo Lento sobre Tralhas.

atravessados por informações, conhecimentos e fatos que podem (ou não) nos afetar, isto é, nos sensibilizar, prender a nossa atenção, ou mesmo nos fazer refletir, (re)pensar, (re)significar nossos paradigmas e convicções.

No doutorado a ideia de intervenção urbana ressurge. Agora como parte de uma disciplina. De imediato, quando a mesma foi proposta pela professora Maria Tereza Oliveira Azevedo, indaguei-me pela primeira vez: o que é intervenção urbana? Para responder a indagação conversei com colegas que já haviam passado pela experiência e li artigos relacionados ao tema. Todavia, a dúvida sobre a poética de uma intervenção urbana ainda me incomodava. Um colega então me disse: “Espere pela intervenção que você entenderá”.

Nos dicionários as palavras intervenção e urbano, apesar das insistentes explicações tautológicas, podem ser entendidas, respectivamente, como “[...] uma intercessão ou mediação em alguma situação adversa” (SIGNIFICADO, 2015a) e “[...] ‘pertencente à cidade’. [...] que está relacionado com a vida na cidade e com os indivíduos que nela habitam, por oposição a rural” (SIGNIFICADO, 2015b, grifo do autor).

Portanto, a associação de ambas sugere que a intervenção urbana é uma manifestação que pretende causar/provocar alguma modificação na cidade e/ou incômodo em seus habitantes através da ironia. Definição que eu só consegui elaborar depois de vivenciar e participar do projeto de intervenção urbana *Vozes Livres sobre Tralhas*.

Confesso que minha participação no planejamento da intervenção foi tangencial. Não conseguia enxergar durante os debates nas reuniões os efeitos que isso poderia causar nas pessoas que passassem pelo local durante a ocupação. Sensação que provém indubitavelmente da falta de conhecimento e experiência em/sobre poéticas urbanas. No entanto, no dia marcado à intervenção eu resolvi me entregar à criação e a ocupação. Para isso, saí de casa um pouco mais cedo. O objetivo era chegar à marcenaria da UFMT no horário combinado: às 11h30min. Não queria mais apenas observar. Queria participar.

Ao chegar, descobri com outras duas colegas que já se encontravam na entrada da marcenaria, que o horário combinado era também o horário de almoço dos marceneiros. Sentamos os três na calça e por ali ficamos a conversar. Como elas não são brasileiras (uma é colombiana e outra chilena) aproveitei para conhecer um pouco mais sobre suas culturas e também compartilhar um pouco da minha.

Próximo às 13 horas, sem ninguém aparecer e sendo o único dos três a estar com um veículo, resolvi ir ao Instituto de Linguagem. Lá encontrei outros colegas e descobri que eles, por *whatsapp*, aplicativo que não possuo, mudaram a hora e o local do encontro. Ali fiquei

por um tempo a conversar esperando outros discentes chegarem, quando novamente, pelo mesmo *whatsapp* veio uma nova mensagem dizendo para todos os colaboradores da intervenção se dirigirem à marcenaria. Neste instante eu pensei: *“Preciso comprar um celular com sistema operacional Android”*.

De volta da marcenaria encontrei dezenas de colegas. De lá e em posse dos materiais necessários para a pintura de desenhos que lembrasse o VLT (Cf. Figura 4), a estação de passageiros (Cf. Figura 5) e um ano de obras abandonadas a contar a partir do término da Copa do Mundo de 2014 (Cf. Figura 6), fomos à entrada da UFMT que dá saída para a Avenida Fernando Correia.

Figura 4 – Desenho da cabine do VLT.



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Figura 5 – Desenho da estação de passageiros.



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Figura 6 – Desenho da vela de 1 ano sem VLT.



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Debaixo das árvores e próximo ao viaduto começamos a pintar nas madeiras compensadas (Cf. Figura 7), enquanto outros colegas providenciavam balões, tintas, garrafas de plástico e/ou pets, pincéis, instrumentos musicais de percussão, bolo, brigadeiro, água mineral, gelo, ou simplesmente treinavam/brincavam com um instrumento circense chamado de *swing*, que é uma das variações da arte de manipular, mais precisamente do malabarismo de giroscópio.

Figura 7 – Momento da Criação dos desenhos.



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Após concluirmos os desenhos nas madeiras, começamos a ocupar o viaduto. Alguns colegas já haviam fixado ao longo de seus trilhos balões de cor preta enchidos com gás hélio.

Pouco tempo depois, quando ainda estávamos a preparar/transformar o viaduto em palco com os desenhos pensados para compor o cenário, uma viatura da polícia chegou. Ao contrário de qualquer tipo de coerção esperada, eles nos incentivaram afirmando que nós estávamos certos em protestar contra tamanha corrupção. Pouco tempo depois eles deixaram o local. Percebi que não apenas eu, mas também outros discentes ficaram mais à vontade.

Durante a apropriação subversiva do espaço escolhido à manifestação – lugar que Goffman (1999) define como fachada social disponível à criação do palco –, assim como no decorrer da intervenção, muitos motoristas interagiram conosco (ou ao menos tentaram). Eles buzinaavam, davam sinais de luz com os faróis, sorriam, gesticulavam a cabeça e mãos, gritavam e diziam coisas que na maioria das vezes não dava para compreender. Outros diminuía a velocidade de seus veículos para tirar fotos, filmar ou somente olhar com mais detalhes o que estava a ocorrer. Em meio a intervenção consegui escutar com clareza expressões como:

— *Nossa!*
— *Aêêêêêê...*
— *É isso aí!*
— *Parabéns! Parabéns!*
— *Vão trabalhar!*
— *Cadê o VLT?*

A fachada social segundo Goffman (1999, p. 31, grifo do autor), independentemente do lugar escolhido à ocupação, é composta por cenário, aparência e maneira. O primeiro é o local onde as representações dos atores sociais se desenrolam, a segunda é o estímulo que funciona “[...] no momento para nos revelar o *status* social do ator” e a última é o estímulo que funciona “[...] no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima”.

O objetivo em ressignificar o cenário, a aparência e a maneira da fachada social por meio das *artes de fazer* (CERTEAU, 1999) têm como intuito dar a ela uma finalidade diferente do intencionado pela produção racionalizada: proporcionar aos observam a manifestação (sem dela participar) que a mesma se trata especificamente de um protesto contra as obras inacabadas da Copa do Mundo de 2014.

Para Goffman (1999, p.29) a

[...] fachada [é] à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a

representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.

A definição supracitada só possui sentido se o cenário for visto como o palco de uma peça específica e se os estímulos emitidos pela aparência proporcionar a quem observa as ações o conhecimento do *status* social dos atores em cena e de seu estado ritual temporário de colaboradores do *Coletivo à Deriva em Vozes Livres sobre Tralhas*, bem como se a observação das maneiras individuais de agir em meio à intervenção abrir a possibilidade de identificação sobre quem são os protagonistas, os coadjuvantes e a plateia da peça encenada.

Com o viaduto adaptado às finalidades da intervenção urbana, começamos o movimento de ida e volta nos trilhos do viaduto em fila indiana. A ideia era simular um “trenzinho”. Durante a caminhada de ida eu estava mais preocupado em registrar as imagens por meio de fotografias do que diretamente acompanhar o grupo, embora no retorno do trenzinho ao centro do viaduto para cantar “parabéns” e distribuir pedaços de bolo e brigadeiro aos membros do grupo e também aos motoristas, eu me metamorfoseei como o último vagão.

O melhor momento da intervenção para mim foi no irônico parabéns, pois ele representou a ocasião em que consegui perceber que não necessariamente uma intervenção urbana vai pressionar órgãos públicos a cuidarem com mais competência da cidade, mas que em alguma medida as intervenções conseguem convergir em si uma multiplicidade de sentimentos de outros sujeitos, que assim como eu e muitos colegas da pós-graduação, se sentem moralmente violentados pelas obras inacabadas que visualmente poluem Cuiabá e desgastam a confiança de seus moradores junto aos políticos locais e administradores/servidores públicos responsáveis pela fiscalização das obras.

Após a intervenção foi criado um blog¹⁰ e uma página do Facebook¹¹ para a exposição de fotografias e vídeos da ocupação. A preocupação era levar virtualmente aos que não presenciaram a manifestação (ou simplesmente não souberam da mesma) um pouco sobre a construção poética de/em *Vozes Livres sobre Tralhas* e também forçar os poderes públicos municipal, estadual e federal a perceberem que nós, moradores de Cuiabá e região, não nos esquecemos dos problemas produzidos pelo falacioso discurso de mobilidade urbana, que tanto nos “machuca” ao nos depararmos com obras inacabadas e suspeitas de serem superfaturas (SEGALLA, 2013).

¹⁰ <http://vozeslivressobretralhas.blogspot.com.br/>

¹¹ <https://www.facebook.com/Vozes-Livres-sobre-Tralhas-1635808969964363/?fref=ts>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Jacques (2006) só há corporificação da cidade se seus habitantes seguirem/repetirem o caminhar do que Milton Santos (2002) define como homens lentos, isto é, sujeitos que transitam entre o territorializar e o reterritorializar, ou como diria a própria Jacques (2008) sujeito que está entre a orientação e reorientação.

Para tanto é preciso se perder, ou melhor, é preciso se desterritorializar e se desorientar, pois só assim o errante conseguirá perceber a aceleração dos corpos no contemporâneo e ao mesmo tempo experimentar, na relação com a cidade, sensações que o incessante, veloz e rotineiro ir e vir não permitem.

Portanto, apropriar-se dos lugares públicos das cidades, independentemente do modo de ocupação (voluntário ou involuntário, planejado ou não), é a única forma de corporificar as áreas urbanas e, assim, trazer-lhe o que há de mais importante nas/das interações entre homem/corpo e suas criações arquitetônicas: a vida social.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Travessia do Século.)

AZEVEDO, Maria Thereza Oliveira. Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade. *Revista Magistro*, vol. 8, n. 2, p.138-146, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

Giacoina jr., Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. *Cadernos PPG-AU*, v. 2, p. 23-30, 2004.

_____. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. *Arquitexto*, n.7, p. 16-25, 2005.

_____. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, n. 8, p. 1-11, 2008.

LEITE, Almir. Custo da Copa bate em R\$ 26 bilhões, de acordo com matriz de responsabilidade. *Estadão*, São Paulo, 04 mar. 2014. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,custo-da-copa-bate-em-r-26-bilhoes-de-acordo-com-matriz-de-responsabilidade,1136971>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PANTANAL é eleito o quarto melhor destino de viagem do mundo. *GI*, Mato Grosso do Sul, 13 fev. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2015/02/pantanal-e-eleito-o-quarto-melhor-destino-de-viagem-do-mundo.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

REY, Sandra. Caminhar: experiência estética, desdobramento virtual. *Revista Porto Arte*, v. 17, n. 19, p. 107-121, 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens lentos, opacidades e rugosidades. *Revista Redobra*, v. 3, p. 58-71, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Subjetividade, cidadania e emancipação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra-Portugal, n. 32, p. 135-191, jun. 1991.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. *Revista Ciência e Cultura*, vol.54, n.2, pp. 21-22, 2002.

SEGALLA, Vinícius. Promotória investiga suspeita de superfaturamento de até 1000% em compras para sede da Copa em MT. *UOL Esporte*, São Paulo, 05 de nov. 2013. Disponível em: <<http://viniciussegalla.blogosfera.uol.com.br/2013/09/05/promotoria-investiga-suspeita-de-superfaturamento-de-ate-1000-em-compras-para-sede-da-copa-em-mt/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

SIGNIFICADO de Intervenção: o que é uma Intervenção. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/intervencao/>>. Acesso em: 25 jul. 2015a.

SIGNIFICADO de Urbano: o que é Urbano. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/urbano/>>. Acesso em: 25 jul. 2015b.

SIQUEIRA, PAULA. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*, n. 13, 155-161, 2005